

Porque o Junqueiro, tendo um grande fundo de bondade, tem um insondável de justiça, qualidades indispensáveis ao poeta moderno.

Bom, justo e sincero: três feições íntimas que não sendo raras em feras, são difíceis de sentir em homens. São três faces da alma dum homem forte e que o meu Ex.mo Am^o encontra naturalmente, impensadamente, inveteradas nesta pequenina carta de empenho que ninguém escreveria assim a um íntimo e que escapou ao último incêndio que os meus criados fizeram no limbo dos papéis inúteis.

Encontrei mais cartas, uma de oito páginas enormes e cerradas. Infelizmente [para?] o caso, têm tanto de engraçadas como de *íntimas*. Adeus.

De V. Ex.
Silva Monteiro

4. Carta (inédita) de Guerra Junqueiro a Silva Monteiro

Meu caro amigo

Viana 7

António, filho de António Joaquim Rosinhas e Rita Ana de Jesus, freguesia de Lordelo, Porto, — vai amanhã ou passado à sua inspecção. Recomendo-lho. Desejo que se livre, havendo motivo para isso. Do contrário, por forma alguma. Seria um remorso para mim.

Recordações à Mónica, beijos aos pequenos.

Um abraço
G. Junqueiro

V. do C¹⁷.

HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA

¹⁷ É sabido que Junqueiro tinha o mau hábito de raramente assinar a sua correspondência. Ao longo de alguns anos temos trabalhado no sentido de constituir um epistolário deste poeta. Raríssimas são as cartas convenientemente datadas. Em muitas delas o poeta limita-se a registar o dia, como aliás o faz nesta a Silva Monteiro. O mesmo procedimento se verifica na correspondência de cariz mais oficial, como seja por exemplo a que expediu de Berna onde esteve como representante de Portugal. Deve, no entanto, notar-se que estas, na sua maioria, tinham Bernardino Machado, o seu grande amigo, por destinatário... Mas no estudo da correspondência junqueiriana acresce ainda outra dificuldade que, felizmente, aqui não se verifica. Muitas vezes, sem qualquer outra referência espacial, o poeta escreve apenas: «V. do C.». Vila do Conde ou Viana do Castelo? É que Junqueiro viveu nas duas cidades. Não cabem aqui análises interpretativas nem uma tentativa de datação desta missiva.

Colóquio: *Transplantes — Da Ética à Praxis* Gabinete de Investigação Bioética

Palavras Introdutórias

Justificam-se estas breves palavras por quatro razões diferentes.

Em primeiro lugar, por se tratar da primeira iniciativa do recém-criado Gabinete de Investigação Bioética da Universidade Católica Portuguesa, da sua apresentação pública e da sua primeira resposta ao mandato regulamentar que a Universidade Católica lhe concedeu. Ao levar a cabo esse Colóquio, o Gabinete de Investigação Bioética (GIB) desejou contribuir para um estudo e conhecimento mais aprofundados de um importante tema da Bioética, com marcados reflexos e implicações na vida social.

Depois, por ser aconselhável voltar a discutir, em pública tribuna, a questão dos transplantes de órgãos e de tecidos, seguindo a linha, sempre recomendável, de analisar os princípios éticos e os dados biológicos para a partir dessa análise, poder chegar a conclusões acerca da práxis proposta e tornada possível pela técnica. O uso terapêutico e a lei que o regulamenta não podem, neste contexto, ser esquecidos. O colóquio contempla todos estes aspectos, para fechar, como não podia deixar de ser, com uma estimulante reflexão sobre o dador cristão.

Em terceiro lugar, é indispensável manifestar o nosso agradecimento ao Prof. Doutor J. Pinto Machado, que com base na sua formação de anatomia ilustre nos dirá como e para que fins e em que medida pode ser utilizado o cadáver humano; ao Prof. Dr. Mário Caetano Pereira, figura cimeira da transplantação de órgãos, que retratará a situação portuguesa real, no domínio das transplantações; e à Dra. Marta Lopes Cardoso, que nos dará a visão da jurista sobre o enquadramento legal da prática de transplantação. Aos membros da Direcção do GIB que intervêm no Colóquio, os Profs. Doutores Rui Nunes, Jorge Teixeira da

Cunha e Frei Bernardo Domingues, não devo, obviamente, apresentar agradecimentos; mas a sua presença, através da palavra autorizada e oportuna, testemunha bem a qualidade e determinação do grupo que tomou a seu cargo a responsabilidade de lançar o GIB e de que não sou senão ornamental e pouco útil figura de proa.

Finalmente, devo exprimir o meu agradecimento à Direcção da Faculdade de Teologia, pela confiança em nós depositada e pelo inestimável apoio concedido, mesmo a nível de um eficiente e amável secretariado; e, certamente, agradecer à assembleia numerosa, interessada e dialogante, predominantemente jovem, a sua presença tão viva. Sem a sua adesão, seria vão o nosso esforço; com a sua participação, sentimo-nos justificados, recompensados e obrigados a novos cometimentos.

WALTER OSSWALD

Ética cristã e transplantação de órgãos

A possibilidade da substituição de partes do corpo humano doentes para que o organismo continue a viver é um velho sonho da humanidade. Na Idade Média circulava uma chamada «Legenda Aurea», atribuída a Jacob de Voragine, segundo a qual os santos médicos cristãos Cosme e Damião tinham substituído a perna gangrenada de um doente pela perna de um preto. Este motivo é representado diversas vezes na pintura. Porém, esta possibilidade substituição de partes do corpo só se tornou real a partir dos inícios do nosso século e só se tornou benéfica para um número assinalável de pessoas nos dois decénios mais recentes. A um olhar panorâmico, a era dos transplantes abre um leque de possibilidades que não podem deixar de ser saudadas como uma aurora de esperança para a humanidade.

1. Um contexto antropológico para os transplantes

Na avaliação ética da transplantação de órgãos ocorrem algumas observações sobre o próprio critério que se vai usar. Mais em concreto, trata-se de lembrar que a razão, neste caso dos transplantes, não pode deixar-se encandear por uma possível miragem de um progresso que pode trazer ao ser humano uma imortalidade ou uma impassibilidade. A transplantação de órgãos não pode fazer esquecer ao ser humano a sua finitude e a sua relatividade aos outros, coisas que são afirmadas de maneira especial pela sua corporeidade. Isto seria culpavelmente esquecido se, diante da possibilidade da transplantação, se originasse uma cultura da emancipação do espírito por relação à matéria ou uma cultura do diluimento da identidade da pessoa humana mediante a desligação do ser humano ao seu corpo pessoal. Sabemos que a matéria integra-